

O feminino na arte medieval

*Glória Maria D. L. Pratas**

Não se pode conceber a história das artes sem a presença da mulher.

Quer como inspiradora, quer como criadora, ela aparece na obra do pintor, do escritor, do escultor ou do músico, como motivação claramente expressa pela linguagem do gênio. Tanto na Antiguidade, na Idade Média, na Renascença, no século XVIII, como nos nossos dias, a mulher sempre esteve e sempre estará presente na arte.

Nicéas Romeo Zanchetti
(Artista plástico)

RESUMO

As ideias conservadoras no trato com as mulheres, determinadas principalmente por aspectos e conceitos religiosos na Idade Média, são parte do tema deste artigo. Nele apresento também um panorama sobre a vida da mulher na sociedade medieval e sua representatividade nas artes, principalmente na iconografia da Idade Média. A figura da mulher era, afinal, cercada de preconceitos, ou não? Como ela foi representada na iconografia da época?

Palavras-chave: Arte – História – Idade Média – Gênero – Religião.

The feminine in Medieval Art

ABSTRACT

The conservative ideas, determined mainly by religious concepts and issues in the Middle Age, especially regarding women, are part of this article's subject. Here I give an overview on the life of women in the medieval society

and their representation in arts, especially in the iconography of the Middle Age. Was the female image really surrounded by prejudice, or not? How was it represented in the iconography of the time?

Keywords: Art – History – Middle Age – Gender – Religion.

El femenino en la Arte Medieval

RESUMEN

Las ideas conservadoras, determinadas principalmente por conceptos y cuestiones religiosas en la Edad Media, principalmente en el tratamiento de las mujeres, es el tema de este artículo. Demuestra también, una visión general sobre la vida de la mujer en la sociedad medieval y su representación en las artes, especialmente en la iconografía de la Edad Media. ¿Al fin y al cabo, la imagen de las mujeres es, rodeada de prejuicios, o no? ¿Cómo fue representada en la iconografía de la época?

Palabras clave: Arte – Historia – Edad Media – Género – Religiión.

Introdução

A arte, no campo da pintura, em sua diversidade de formas e estilos, tem fascinado o ser humano com suas representações estéticas no trato de assuntos religiosos. A representação visual, descritiva das imagens de uma determinada civilização e cultura de uma época, juntamente com a religião, estabelecia aspectos e conceitos para a iconografia. Nela era representada a prática social, nos assuntos da vida cotidiana, na relação entre os sexos, na religião, na economia, na educação, entre outros, principalmente na questão de gênero.

Tendo em vista que imagens são construções discursivas, abordo o tema refletindo a imagética dessa influência cultural e religiosa na representação de gênero na Idade Média. Esta representou a mulher como metáfora de pecadora (Eva), de claustro (Maria) e de guerreira (Amazona – Joana D'Arc).

* Teóloga, mestranda na área de Bíblia, em Ciências da Religião, na UMESP e assistente editorial da EDITEO (Editora da Faculdade de Teologia da Igreja Metodista).

Portanto, ao falar sobre arte enfocamos a época de seu maior desenvolvimento: a Idade Média, pois a maior parte da arte produzida na Europa, durante um período de cerca de mil anos, compõe-se da pintura medieval. A arte medieval, que nos chegou até os dias de hoje, tem um foco religioso, fundamentado no cristianismo. Essa arte era, muitas vezes, financiada pela Igreja; por figuras poderosas do clero, como os bispos, por grupos comunais, como os dos mosteiros, ou por patronos seculares ricos. Essa hierarquia determinava também comportamentos, papéis e espaços de poder do masculino sobre o feminino, adquiridos e transmitidos nas estruturas sociais de dominação (ALMEIDA, 2007, p. 62).

O presente texto busca auxiliar na interpretação do cotidiano das mulheres na historiografia e como elas são retratadas na iconografia da época vigente dentro dessa sociedade.

Uma breve passagem pela Era Medieval

Nas obras de conteúdo histórico sobre a Era Medieval temos visto as mulheres apenas como meras coadjuvantes, com uma ínfima visibilidade, por entre páginas e mais páginas elaboradas sobre a participação e o governo dos homens, eliminando a pluralidade da história.

A história das mulheres na Idade Média é um tema que foi desprestigiado, por muito tempo, pelos historiadores, mas atualmente vem atraindo estudiosos. Segundo alguns historiadores, como Marc Bloch¹, Jacques Le Goff² e Régine

Pernoud³, ainda é muito difícil encontrar grande número de estudos sobre o assunto. Portanto, tentar conhecer um pouco mais sobre a participação das mulheres em um dado momento do período medieval, por meio da literatura existente hoje é, no mínimo, uma grande aventura.

Nessa época, a maioria das ideias e dos conceitos era elaborada pelos eclesiásticos. Eles detinham uma visão dicotômica acerca da mulher, ou seja, ao mesmo tempo em que ela era tida como a culpada pelo pecado original na imagem de Eva, era também a virgem Maria, aquela que trouxera o Redentor pelos pecados ao mundo. Nesse sentido, havia muito pouca arte fora do campo da religião. Em sua maioria, as figuras bíblicas retratadas, com exceção de Eva, Maria e Maria Madalena, são homens.

Mesmo tendo notícia de inúmeras mulheres do período medieval que se destacaram em vários setores da sociedade — educadoras, rainhas, médicas, astrólogas, teólogas, comerciantes e trabalhadoras braçais no trabalho agrícola — ainda não encontramos, em sua maior parte, citações de sua existência e participação na historiografia. De maneira geral, a representatividade e o valor dessas mulheres, que viveram no período medieval, ligadas a várias dimensões da sociedade, se perderam, pois “o que a história não diz, não existiu” (SWAIN, 2000, p. 13).

Um período de transições políticas, culturais e religiosas

O período da Idade Média foi tradicionalmente delimitado por eventos políticos: inicia-se com a

rica do Ocidente Medieval. Autor de diversos livros sobre a Idade Média, publicou um artigo intitulado “Nova História”, que causou amplo debate acadêmico, cujos desdobramentos conduziram à chamada “Nova História”. São algumas de suas obras: *Em Busca da Idade Média, As Raízes Medievais da Europa, Uma História do Corpo na Idade Média, Os Intelectuais na Idade Média*.

³ Régine Pernoud é historiadora e medievalista francesa (1909-1998). Doutora em Letras e diplomada pela *École des Chartes* e pela *École du Louvre*, foi diretora do Museu de Reims, do Museu de História da França, dos Arquivos Nacionais e do *Centro Jeanne d'Arc d'Orléans* (que fundou em 1974). Escreveu numerosas obras sobre a Idade Média, entre as quais destacamos *Idade Média: o que não nos ensinaram, Luz sobre a Idade Média e A mulher no tempo das catedrais*.

¹ Marc Léopold Benjamim BLOCH (Lyon, 6 de julho de 1886 — Saint-Didier-de-Formans, 16 de junho de 1944) foi um historiador francês notório por ser um dos fundadores da Escola dos Annales e morto pelos nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. É considerado o maior medievalista de todos os tempos, e na opinião de muitos, o maior historiador do século XX. Seus trabalhos e pesquisas abriram novos horizontes nos estudos sobre o feudalismo. Foi um dos grandes responsáveis pelas inovações do pensamento histórico.

Jacques Le GOFF (Toulon, 1º de janeiro de 1924) é um historiador especialista em temas da Idade Média, especialmente dos séculos XII e XIII. Historiador da Escola dos Annales, sucedeu a Fernand Braudel em 1972 à frente da *École des Hautes Études en Sciences Sociales*; em 1977 cedeu seu lugar a François Furet. Posteriormente, consagrou sua vida à direção de estudos de Antropologia histó-

desintegração do Império Romano do Ocidente, no século V (476 d.C.), e termina com o fim do Império Romano do Oriente, com a Queda de Constantinopla, no século XV (1453 d.C.). A Era Medieval também pode ser subdividida em períodos menores. Num dos modos de classificação mais populares ela é separada em dois períodos: Alta Idade Média, que decorre do século V ao X; e Baixa Idade Média, que se estende do século XI ao XV.

Para o povo medieval, todas as coisas eram sagradas: o mundo, a natureza, o corpo humano. Tudo o que dizia respeito ao sobrenatural e ao extraordinário causava fascínio (LE GOFF; SCHMITT, 2002, p. 105). Dessa forma, os séculos XII e XIII assinalam o aparecimento de uma civilização cristã das imagens representando as tendências da cultura de uma época, expressando e comunicando sentidos carregados desses valores simbólicos. Eles podem ser encontrados nas pinturas, nos vitrais das igrejas, em iluminuras, nas tapeçarias, entre outros. Ao lado da pintura, a tapeçaria foi a mais importante forma de arte medieval. Isso decorre em muito de sua utilidade em manter o calor interno dos castelos de pedra durante o inverno.

Segundo Régine Pernoud, foi na Idade Média que se elaborou a linguagem musical em vigor até os nossos tempos; o canto gregoriano, atribuído ao papa são Gregório Magno (século VII); o livro, em sua forma atual, ou o *codex* que substituiu o *volumen* ou o rolo; as obras de Aristóteles que foram traduzidas do grego, para o árabe e o latim, possibilitando o florescimento da filosofia árabe; o teatro, muito cultivado na Idade Média, tomou aspectos especiais, mediante a liturgia católica de uma encenação pública da Bíblia, especialmente dos Evangelhos.

Uma alfabetização artística pelo olhar

Durante a Idade Média, o povo não possuía o hábito da leitura, visto que eram poucos os que tinham acesso à escrita e que podiam ler. Portanto, as artes visuais foram um dos principais meios encontrados, principalmente pela Igreja Católica, de passar para a sociedade os valores do cristianismo, pois a obra de arte, sendo uma forma de “escrita”, conduzia o olhar dos iletrados para o conhecimento do que se pretendia ensinar e expressar.

Na contemporaneidade, para que a arte possa ser lida, é preciso uma percepção sensível mediante a educação do olhar. Cada obra de arte carrega em si uma forma de expressão, como descreve Emília Moura (2000):

A alfabetização dos sentidos, para a arte, envolve aprendizado, treino e questionamento. A obra de arte é uma forma de escrita cuja leitura permite que se amplie o instante fugidío do prazer de admirá-la. Como toda escrita, para que possa ser lida, é preciso que ocorra um processo de alfabetização e o primeiro passo, no sentido da alfabetização artística, é ver arte.

Essa referência contribui para uma leitura e interpretação, hoje, dessas representações pictóricas que compõem templos, igrejas e catedrais, que nascem não somente em um período de ascensão da burguesia, da valorização do homem no sentido individualista e do “mecenas papal”⁴, mas também de motivações religiosas que tornaram esses espaços propícios ao diálogo com Deus, à doutrinação dos fiéis e à celebração de rituais sagrados. Essa compreensão é reafirmada no texto de Emília Moura:

Durante a Idade Média européia, o número de pessoas alfabetizadas era muito pequeno e por este motivo a Igreja Católica usava imagens como recurso para a sua doutrinação. Na parte interna da cúpula do Batistério de Florença, onde Dante foi batizado, encontram-se ainda hoje as mais antigas histórias bíblicas que um fiel precisava saber e, assim, garantir o seu ingresso no domínio do sagrado. A visualidade da obra alfabetiza-nos em alguma coisa. Às vezes a forma é literal. Em outras, é necessário decifrar seus códigos e símbolos. (MOURA, 2000).

⁴ O mecenas, prática comum na Roma antiga, foi fundamental para o desenvolvimento da produção intelectual e artística do Renascimento. O Mecenas, considerado “protetor”, homem rico, era na prática quem dava as condições materiais para a produção das novas obras e nesse sentido pode ser considerado o patrocinador, o financiador. O investimento do mecenas era recuperado com o prestígio social obtido. Encontramos também o papa e elementos da nobreza praticando o mecenas, sendo que o “papa Júlio II” financiador dos afrescos da Capela Sistina, foi o principal exemplo do que se denominou Renascimento Cortesão.

Na Idade Média, desprezava-se a retratação do ambiente e a temática principal das obras era a do Céu e do Inferno. Ao Inferno era lançado todo e qualquer texto bíblico ou representatividade relacionada à sexualidade e ao erotismo. As pinturas e relevos, até fins do século XIV, foram mais naturalistas, mas o contexto religioso ainda controlou a cena e nesta a sexualidade não teve lugar. A nudez na iconografia e nas esculturas não era qualificada pelos estudiosos como “erótica”. “É difícil encontrar arte erótica anterior ao último quarto do século XV (com exceção das gárgulas, criaturas fantásticas, detalhes em capitéis de colunas ou em margens de ilustrações)” (LINK, 1998, p. 156). Link aborda esse fato da seguinte forma:

A Idade Média especificou um lugar para o erotismo na pintura: relegou-o ao Inferno! Os pintores da época trabalhavam para a Igreja. E para a Igreja, erotismo era pecado. A única maneira possível de mostrá-lo na pintura era como algo condenado. Apenas as representações do Inferno – só as imagens repulsivas do pecado – poderiam fornecer ao erotismo um lugar. (Ibidem, p. 156).

Com a queda do Império Romano a pintura medieval passa a ser predominantemente bidimensional e os personagens retratados eram pintados, maiores ou menores, de acordo com sua importância. Os artistas medievais não estavam primariamente preocupados com o realismo. A intenção de passar uma mensagem religiosa pedia imagens claras e didáticas em vez de figuras desenhadas com precisão fotográfica. A burguesia dispensava boa parte de suas finanças fazendo-se retratar como integrantes das cenas de natureza religiosa. A leitura acontece com o conhecimento da variação de formas, estilos e conceitos de cada tipo de arte, ao longo do tempo, como podem ver a seguir:

- Na arte bizantina o imperador possuía poderes administrativos e espirituais; era o representante de Deus, tanto que se convencionou representá-lo com uma auréola sobre a cabeça, e não é raro encontrar um mosaico no qual esteja, juntamente com a esposa, ladeando a Virgem Maria e o Menino Jesus. As pessoas são representadas de frente e verticalizadas para criar certa espiritualidade; a perspectiva e o volume são ignorados e o dourado é

demasiadamente utilizado devido à associação com o maior bem existente na terra: o ouro.

- Na arte românica as características essenciais da pintura foram a deformação e o colorismo. A deformação, na verdade, traduz os sentimentos religiosos e a interpretação mística que os artistas faziam da realidade. A figura de Cristo, por exemplo, é sempre maior do que as outras que o cercam. O colorismo realizou-se no emprego de cores chapadas, sem preocupação com meios-tons ou jogos de luz e sombra, pois não havia a menor intenção de imitar ou copiar a natureza no final dos séculos XI e XII.

- Na arte gótica a pintura teve um papel importante, pois pretendeu transmitir não apenas as cenas tradicionais que marcam a religião, mas a leveza e a pureza da religiosidade, com o nítido objetivo de emocionar o espectador. A principal particularidade foi a procura do realismo na representação dos seres. Apresentava personagens de corpos pouco volumosos, cobertos por muita roupa, com o olhar voltado para cima, em direção ao plano celeste. Caracterizada pelo naturalismo e pelo simbolismo, utilizou-se principalmente de cores claras. A linguagem das cores era completamente definida: o azul, por exemplo, era a cor da Virgem Maria, e o marrom, a de São João Batista. A manifestação da ideia de um espaço sagrado e atemporal, alheio à vida mundana, foi conseguida com a substituição da luz por fundos dourados. Essas técnicas e conceitos foram aplicados tanto na pintura mural quanto no retábulo e na iluminação de livros.

O olhar masculino sobre o feminino

Cercear o comportamento feminino era altamente importante para o bom comportamento e procedimento da mulher na sociedade. Como um instrumento, ela precisava ser remodelada, preparada para corresponder às expectativas masculinas. O poder patriarcal exercido sobre a feminilidade era reforçado, porque esta representava o perigo. Tentava-se conjurar esse perigo ambíguo encerrando as mulheres no local mais fechado do espaço doméstico, o quarto, já que “[...] O quarto, era o espaço indicado para o ‘aprisionamento’ das damas. Além de encerrá-las, era preciso ocupá-las. O ócio era algo bastante perigoso. O tempo tinha que ser dividido entre orações e trabalhos” (DUBY; ÁRIES, 1990, p. 88).

A história, sob uma ótica masculina de como deveria ser o comportamento feminino, é retratada por Duby da seguinte forma: “[...] Não se preocupavam em descrever o que existia, tiravam da experiência cotidiana, e sem se proibirem de retificá-la, elementos que proporcionassem uma lição moral. Afirmando o que se devia saber ou acreditar, buscavam impor um conjunto de imagens exemplares” (DUBY, 1995, p. 11).

Essa visão não se estendia apenas às mulheres de classe baixa, mas também às “bem-nascidas”. Estas eram uma ameaça à ordem estabelecida e por isso deviam ser vigiadas e subjugadas (DUBY, 1995, p. 88). As mulheres da aristocracia também se ocupavam dos trabalhos agrícolas, porém no aspecto organizativo, quando os maridos se ausentam, principalmente em caso de guerra. Mas fossem aristocratas ou pobres, havia uma função em comum entre elas: fiavam e teciam.

A mulher ficou limitada a ser identificada, tipologicamente, como:

Eva, a mulher na família; *Maria*, a mulher no claustro e a *Amazona*, mulher viril, guerreira, assexuada, como Joana D’Arc. A mesma representação tipológica se deu no Renascimento, mas sob uma ótica mais decadente, sob o ponto de vista dos homens. (CARRENHO, 1998, p. 44).

Uma representação iconográfica de gênero

As mulheres na iconografia medieval eram representadas, segundo uma ótica masculina, como ela deveria ser. Os homens, profundamente influenciados pelos dogmas religiosos, elaboraram uma imagem feminina negativa, num estigma constante de pecado. O pecado de Eva estendia-se a todas as mulheres, caracterizadas como essencialmente más. Essa tradição antifeminina perdurou por toda a Idade Média até o século XI, quando se desenvolveu o culto a Maria. Somente no século XII o culto mariano se expandiu “[...] resgatando o sexo feminino na figura de Maria” (CARRENHO, 1998, p. 43). Já na época renascentista inicia-se uma nova fase da imagética sobre a mulher: ela passa a ser retratada com uma beleza mais serena, como na Pietá de Michelangelo.

A reprodução de iluminuras, dos séculos XIII ao XVI, retratou, em grande parte, atividades das mulheres como guerreiras, defensoras de seus castelos, construtoras de catedrais, mineiras, musicistas, camponesas, fiandeiras, caçadoras, pintoras etc. Tânia Navarro Swain, em seu livro *De deusa a bruxa: uma história de silêncio*, aborda a existência de uma coleção de iluminuras que retratam uma série de atividades femininas, além das já citadas anteriormente, na historiografia tradicional medieval.

A seguir, estão relacionadas algumas obras de arte segundo a leitura e o olhar da época medieval sobre o feminino, em uma breve leitura:

I. Eva

Lucas Cranach, o Velho, *Adão e Eva* (1531)
Staatliche Museen, Berlin. (<http://www.wga.hu/>)



Na imagem, Eva está próxima da serpente, o que a liga ao mal. A serpente, símbolo cristão maléfico por excelência, é a portadora da língua que levou Eva a desobedecer ao Criador. Ela é a culpada pelo pecado.

Nessa imagem de Lucas Cranach, o velho, percebemos Eva (note o rosto angelical), oferecendo a maçã a Adão. Por sobre o ombro direito dela está a serpente (geralmente retratada próxima à mulher). Por entre os arbustos, aparecem ainda um cervo e um leão. A presença destes dois animais na cena representa a harmonia existente no Éden, que possibilitava o convívio pacífico entre um predador – o leão – e sua presa – o cervo. O cervo, que se encontra próximo a Adão, é um portador da luz, inimigo da serpente e representa Cristo (Cristo, por sua vez, é o segundo Adão, que vem ao mundo redimir as faltas do primeiro). O leão simboliza a encarnação do poder. É o animal mais representado na heráldica por estar associado ao valor e à força. Por sua vez, na Primeira Epístola de Pedro, o leão aparece como símbolo do diabo: “Vosso adversário, o diabo, vos rodeia como um predador a rugir, procurando a quem devorar” (*A Bíblia de Jerusalém*, 1995, 1Pd 5.8, p. 2276).

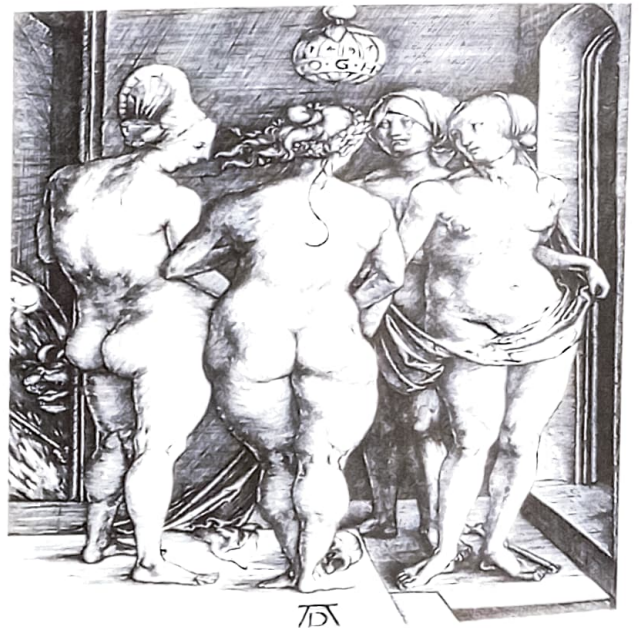
2. Maria, a Virgem

Lucas Cranach, O Velho. *Virgem e o Menino* (1525-1530). Eremitério de São Petersburgo, Rússia. (<http://www.wga.hu/>).



A Virgem é considerada a segunda Eva, redimindo o pecado da primeira. A maçã é um símbolo em comum entre ambas as pinturas: na imagem de Adão e Eva num sentido negativo da maçã, o do pecado, e nesta de Maria, a Virgem, num sentido positivo, o da salvação. Nessa imagem de Lucas Cranach, o velho, Cristo, ainda menino, segura em suas mãos um pedaço de pão (a redenção) e uma maçã (o pecado original). A maçã possuía um sentido ambíguo durante a Idade Média. De um lado era identificada como causadora do pecado original. “Porém, também pode ter um significado positivo, pois desde o século XI a maçã nas mãos do menino Jesus e na de Maria significa uma referência à absolvição do pecado e à vida eterna” (LURKER, 1997, p. 405).

3. Bruxas



A misoginia na Idade Média ganhara força por intermédio dos manuais de caça aos/às hereges, que eram enviados para as fogueiras do Santo Ofício. A prática da bruxaria, considerada superstição e sortilégio, torna-se uma das principais metas da repressão, sendo considerada maléfica e demoníaca e relacionando-se intimamente com a natureza feminina. Portanto, nessa época cristaliza-se definitivamente a imagem da bruxa, causadora de malefícios aos homens (doenças, deformidades, esterilidade, impotência, transformações). Toda

bruxaria tem origem na cobiça carnal, insaciável nas mulheres.

Albrecht Durer. The Four Witches (1497). (<http://www.wga.hu/>).

4. Nudez



A exibição prodigiosa da nudez feminina foi transformada em um alerta contra o pecado. (PANOFSKY, 1943, p. 71). Como podemos observar na obra de Friedrich Pacher (1460), a imagem em maior evidência é uma mulher (Eva) cercada por homens (Adão), personificando aquela que induziu-os ao pecado.

Friedrich Pacher. *Christ in Limbo* (1460). (<http://www.wga.hu/>).

5. Erotismo



É difícil encontrar arte erótica anterior ao último quarto do século XV (com exceção das gárgulas⁵,

criaturas fantásticas, detalhes em capitéis de colunas ou em margens de ilustrações). Os artistas tinham uma predisposição a expressar o erotismo em suas obras, mas por causa do controle exercido pela Igreja Católica, detinham-se a expressá-la no mesmo local dedicado à nudez: o Inferno. Na pintura de Luca Signorelli "Os danados", podemos notar uma nudez carregada de erotismo e sensualidade.

Luca Signorelli - *The Damned* (Inferno ou local dos danados) (1499-1502). (<http://www.wga.hu/>).

Conclusão

Longe de ter sido obscurantista, a Idade Média foi uma época em que o gênio humano se exprimiu de maneira inesquecível nas artes: letras, música, arquitetura, pintura, filosofia, dando às suas produções um toque transcendental, profundamente religioso e inspirado numa fé intensa. É claro que houve em tal época falhas humanas — não poucas nem pequenas — numa hierarquia nada igualitária.

Na tentativa de compreender as obras a partir de algumas características gerais da época medieval, destaca-se que os períodos que surgiram na Idade Média buscaram retratar uma hierarquia determinante no comportamento e nos espaços de poder na questão do masculino sobre o feminino.

Finalizamos convidando o/a leitor/a a conhecer e contemplar as obras de arte da Idade Média que delinearam a participação da mulher numa tentativa de captar e compreender um pouco mais da estrutura social de dominação sócio-cultural-religiosa dentro dessa nossa leitura.

Referências bibliográficas

- ALMEIDA, Jane Soares. *Ler as letras: por que educar meninos e meninas?* São Paulo: Autores Associados/Umesp, 2007.
- CARENHO, Elza Aparecida de Andrade. *O Juízo Final no espaço sagrado da Capela Scrovegni à Capela Sistina*. Bauru: Editora Edusc, 1998. 142p.
- DUBY, Georges. *Heloisa, Isolda e outras damas do século XII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- ; ARIÈS, Philippe (orgs.). *História da vida privada; da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

⁵ Ornato com figuras monstruosas como elemento decorativo.

- KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte*. Trad. Álvaro Cabral e Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. 240p.
- LE GOFF, Jacques. *O nascimento do Purgatório*. Lisboa: Estampa, 1993.
- LINK, Luther. *O Diabo, a máscara sem rosto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- LURKER, Manfred. *Dicionário dos deuses e demônios*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens; uma história de amor e ódio*. Trad. Rubens Figueiredo et al. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. 360p.
- MOURA, Emília. A educação do olhar. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, domingo, 5 mar. 2000. Caderno 2. Disponível em: <www.unir.br/~portal/educacaodoohar.html>. Acesso em: 20 set. 2005.
- PANOFSKY, Erwin. *The life and art of Albrecht Durer*. Princeton: Princeton University Press, 1943.
- PERNOUD, Régine. *O mito da Idade Média*. 2. ed. Lisboa: Europa-América, 1997. skip to main | skip to sidebar
- SWAIN, Tania Navarro. De deusa à bruxa: uma história de silêncio. *Humanidades*, Brasília, v. 9, n.1, s/d.
- Documentos eletrônicos
- DICIONÁRIO ELETRÔNICO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki>>. Acesso em: 02 dez. 2008.
- HISTÓRIA MEDIEVAL. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/contedo/default.aspx?codigo=163>>. Acesso em: 02 dez. 2008.
- REVISTA MIRABÍLIA. Disponível em <http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num1/maca.htm>. Acesso em: 02 dez. 2008.
- WEB GALLERY OF ART. Disponível em: <<http://www.wga.hu/>>. Acesso em: 02 dez. 2008.
- MOURA, Emília. A Educação do olhar. O ESTADO DE SÃO PAULO, caderno 2, domingo, 5 de março de 2000. Disponível em: www.unir.br/~portal/educacaodoohar.html. Acesso em: 20 set. 2005.